



Telmo Nunes

O Quarto do Pai

Maria Brandão publicou recentemente *O Quarto do Pai*, uma obra muito original que sustenta o seu expediente ficcional nas inter-relações de um núcleo familiar, durante um período de doença de um dos seus elementos – o pai.

Sucedendo a *Corpo Triplicado* (2018) e a *Enlouquecer é Morrer Numa Ilha* (2020), ambos editados pela Companhia das Ilhas, *O Quarto do Pai* é o terceiro livro da autora, sendo, claramente, aquele onde melhor desenvolve a sua narrativa, seja pelo brilhantismo com que manuseia a linha temporal, entremecendo pretérito e presente narrativo com uma inusitada subtilidade (aliás, com uma finura que merece todos os aplausos), seja pelo aprimorado realismo a que recorre e que coloca ao serviço em toda a narrativa. Não há amarras a inibir a diegese, sendo a progressão contínua e muito consistente, gerando um relato coeso e sobretudo bastante aprazível.

Este poderia ser um livro sobre a desumanização do Homem, sobre a indiferença e o asco com que, cada vez mais, se olha a velhice e a enfermidade, afinal, basta um olhar sério sobre a sociedade atual para percebermos que «Mais depressa se acode a um cão do que a um velho, mesmo que seja família.» Recordemos, por exemplo, o romance *Os Velhos* (Letras Lavadas edições, 2022), de Paula de Sousa Lima, onde a autora expõe abertamente a forma como alguns idosos são maltratados e crítica a atitude e comportamentos displicentes face aos mais velhos. Por oposição, Maria Brandão, em *O Quarto do Pai*, demonstra que há ainda uma réstia de esperança, que há ainda quem rejeite os seus comportamentos pelos preceitos mais humanos e que a dimensão familiar mantém hoje algum do seu valor de sempre. Talvez seja mais fácil acudir quando “[...] se tem dinheiro para gastar e civilidade de berço para esbanjar”, mas não rareiam os casos em que os idosos e enfermos são atirados e abandonados em hospitais ou outros, independentemente dos números que possam assear a sua conta bancária.

Tal como em outras obras, também em *O Quarto do Pai*, Maria Brandão mantém uma relação especial com a ilha, o seu espaço natural, embora desta vez a nomeie e explicitamente localize a ação principal em São Miguel, numa casa de campo, inserida num ambiente rural, mas bem perto do mar. Não obstante, poder-se-ia deslocalizar a trama para qualquer parte do país ou do mundo, sem que a narrativa sofresse com tal mutação. Embora o discurso surja matizado por uma sensação telúrica, é evidente que Maria Brandão se serve da ilha, mas não se atem a ela, mesclando-a num mundo mais amplo e complexo. As fronteiras marítimas são apenas exercícios psicológicos, e autora parece materializar a mónica lançada por Daniel de Sá aos escritores açorianos, onde apelava a que não cedessem aos lugares-comuns, quando se tratava de “cantar a terra”.

Aqui assiste-se ao relato de um homem octogenário em crescente decadência física, vítima de severos problemas de saúde, que o limitam a tal ponto de o remeter para uma cama, deixando-o numa posição de dependência total do outro. Chega escrito em primeira pessoa gramatical, e essa feliz opção influi sobejamente no sentimento de empatia que o leitor vai desenvolvendo pela personagem, à medida que avança na leitura. As constantes viragens entre um passado sadio, de causas, robusto

e vivido intensamente com os amigos e família, com a matilha, de arma ao ombro e em busca de caça ou ao volante de potentes automóveis, contrastam pesadamente com um presente doentio, recluso e triste, onde apenas as memórias vão atenuando a morosidade das horas. Todavia, é neste contexto que toda a riqueza humana se manifesta, ao percebermos como toda a família se mobiliza e readapta, no sentido de minimizar o sofrimento do patriarca, um homem que, mesmo débil, se mostra capaz de agir em prol do bem comum e familiar: aceita com elevada dignidade as prescrições médicas, mesmo aquelas mais dolorosas, mantém o característico sentido de humor, reconhece o esforço que todos fazem para que se sintam bem, particularmente os três filhos e a esposa, e mesmo em condições muito adversas como é a sua, sabe como agir conservando o bem-estar e a união familiares.

Ler *O Quarto do Pai* é estar próximo da morte, é confrontar-se continuamente com asacritudes da vida e com a dureza da sua finitude. Num simples exercício mental, tenhamos presente que o personagem que ali define facilmente poderia assumir o papel de um qualquer pai, de um tio, ou até de um avô, pelo que esta leitura terá de impelir o leitor a que faça o seu próprio exame de capacidades e consciência.

Este é um livro muito bonito, com uma imagem de capa impactante (*Burial*, de Jennifer B. Thoreson), mas é sobretudo um livro marcante, um dos melhores lidos no ano corrente, pelo que a sua leitura se torna indispensável a todos quantos apreciem um bom exemplo de literatura de qualidade.

Maria Brandão, *O Quarto do Pai*, Companhia das Ilhas, 2022

Cristina Calisto alerta para nova realidade das instalações agrícolas

A Presidente da Câmara Municipal da Lagoa, Cristina Calisto, marcou presença nas X Jornadas Florestais da Macaronésia, no edifício do Nonagon – Parque de Ciência e Tecnologia de São Miguel, na cidade de Lagoa, e alertou para a nova realidade das instalações agrícolas na ilha.

Na sessão de abertura do evento, Cristina Calisto aproveitou a presença do Secretário Regional da Agricultura e do Desenvolvimento Rural, António

Ventura, e do Presidente da Federação Agrícola de São Miguel, Jorge Rita, para alertar que estando a maioria dos Municípios a proceder à revisão do Plano Director Municipal (PDM) que se “definiram regras uniformes quanto à localização e definição das áreas de implantação para a construção de estábulos, uma vez que começam a surgir pedidos para os quais não temos instrumentos para autorizá-los e, mesmo que venham a existir no futuro, pode-se incorrer em

decisões díspares entre municípios”.

“As novas dinâmicas no sector agrícola começam a originar pedidos de licenciamento para os quais seria muito importante consensualizar regras”, disse a autarca.

De referir que, estas Jornadas Florestais da Macaronésia que reúne entidades dos Açores, Madeira, Cabo Verde e Canárias pretende debater o tema das alterações climáticas e os seus efeitos na floresta, que se poderão fazer sentir ao

nível da redução da função protectora do solo, a falta de água para recarga dos aquíferos entre outros assuntos.

Este ano, o tema das Jornadas Florestais da Macaronésia é «Serviços Ecosistémicos da Floresta da Macaronésia», reunindo profissionais públicos e privados da área, com objectivo de debater assuntos ligados à floresta da Macaronésia, nomeadamente sobre planeamento, gestão e protecção das florestas.